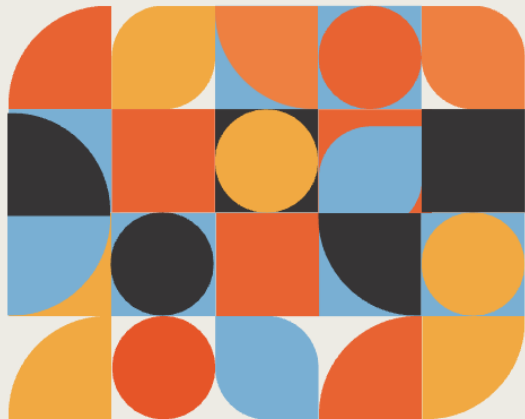




A ESTÉTICA PERIFÉRICA ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA, SOB AS LENTES E VIVÊNCIAS DE PAYASO

Peripheral aesthetics through photography, through the lens and experiences of Payaso

Pontes, Ana Isabel Machado; Graduanda; Universidade Federal do Ceará, imthepontes@gmail.com¹

Lavor, Maria Eduarda Figueiredo; Graduanda; Universidade Federal do Ceará, eduardaafigu@gmail.com²

Mendes, Francisca Raimunda Nogueira; Doutora; Universidade Federal do Ceará, franciscamendes@ufc.br³

Resumo: O presente artigo analisa a relação entre memória, fotografia e identidade periférica pelo olhar das fotografias do profissional cearense de audiovisual, Payaso. A fim de compreender essa relação, a pesquisa foi conduzida por pesquisa documental, estudo de caso e pesquisa bibliográfica, consolidando-se, então, com caráter qualitativo. Após a análise, percebe-se como o uso da fotografia, em conjunto com elementos de vestuário que caracterizam o ser periférico, geram o senso de identificação do indivíduo observador, evocando a memória coletiva do grupo.

Palavras-chave: Fotografia; memória; periferia.

Abstract: This article examines the relationship between memory, photography, and peripheral identity, focusing on the photographic work of the audiovisual professional, Payaso. To understand this relationship, the research used documentary research, a case study, and interviews with the artist. The analysis shows how the use of photography, with clothing elements characteristic of peripheral individuals, creates identification among viewers evoking the collective memory of the group.

Keywords: Memory; photography; periphery.

Introdução

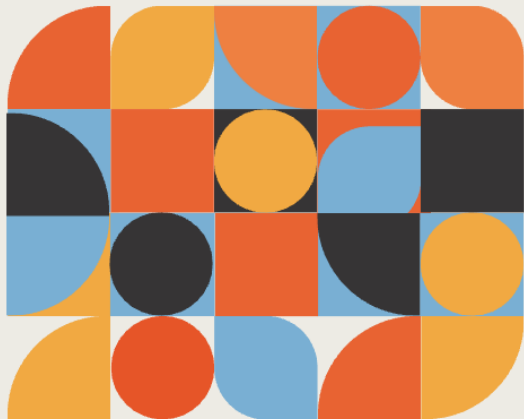
Memória pode ser definida como um fenômeno social caracterizado pelo compartilhamento e/ou experiência de eventos (Pollak, 1992). Em concordância, Laraia (2010) aborda a perpetuação seletiva da memória e dos costumes de maneira intergeracional em uma comunidade, forjando a identidade daquele povo. Neste contexto, ao se tratar de grupos marginalizados, nota-se que são relegados a uma posição subalterna, sendo afetados por estereótipos que distorcem sua imagem diante da percepção social (Spivak, 2010). Diante disso, a utilização de produções fotográficas

¹ Estudante do curso de Design-Moda na Universidade Federal do Ceará (UFC)

² Estudante do curso de Design-Moda na Universidade Federal do Ceará (UFC).

³ Historiadora, Mestre e Doutora em Sociologia, professora da área de História e Pesquisa no Curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará (UFC)





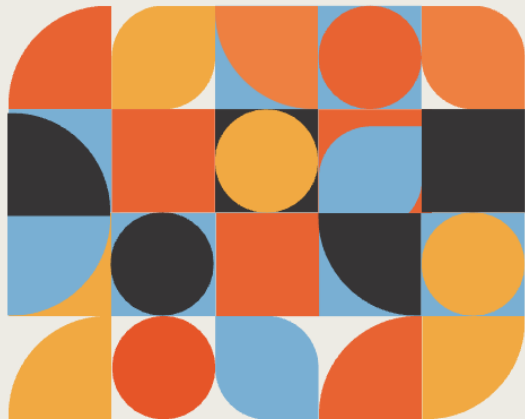
emerge como uma ferramenta para retratar e disseminar a cultura dessas comunidades, contrapondo narrativas limitantes e contribuindo para a ressignificação de sua memória e identidade.

Por sua pertinência ao objeto de pesquisa, optou-se pelas metodologias de análise documental e estudo de caso. A pesquisa, de caráter qualitativo, tem como objetivo investigar, por meio das fotografias do artista Payaso, a interseção do olhar periférico em três de suas produções realizadas em 2023. Essas obras buscam capturar cenas cotidianas da periferia e promover um senso de identificação (através das roupas e da corporeidade dos corpos fotografados) entre esses grupos e o trabalho do artista, com base nos conceitos de memória, identidade e periferia.

A correlação entre memória, periferia e fotografia

Memória é definida como um fenômeno multifacetado, composto por diversos elementos, como cronologia, personagens e lugares (Pollak, 1992). Em relação ao constructo da "memória", observam-se duas categorias principais: a memória coletiva e a memória individual. A memória coletiva manifesta-se através do compartilhamento de eventos entre indivíduos, transcendendo a simultaneidade da experiência. Em contraste, a memória individual, conforme postula Pollak (1992), origina-se a partir da experiência direta e pessoal do indivíduo em relação ao acontecimento, seja como testemunha ocular ou como agente gerador do evento. Essa distinção evidencia o caráter socialmente construído da memória coletiva, distinguindo-a da singularidade inerente à gênese da memória individual.

A importância da memória coletiva se dá ao repassarmos nossas experiências e saberes aos futuros membros de nosso corpo social. É por meio da preservação e reprodução de costumes, crenças, práticas e saberes que a cultura de um povo se perpetua pelas próximas gerações (Laraia, 2001). A memória, como um elemento cultural, se integra ao “[...] sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (Pollak, 1992, p. 204). Sob essa ótica, a identidade configura-se como um processo relacional e dinâmico de construção do “eu” e do “nós”, emergindo nas interações sociais. Sendo forjada pelas categorias sociais e culturais disponíveis, a identidade recebe influência da memória. No contexto de memória coletiva, a periferia se categoriza como um espaço social estigmatizado pela marginalização e pela



20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

frequente ausência de representação nos discursos dominantes. Os indivíduos e grupos que habitam as periferias muitas vezes são relegados a uma posição subalterna, tendo suas experiências, memórias e produções culturais sistematicamente silenciadas ou estereotipadas (Spivak, 2010).

Ademais, Santos (2023) traz o saber que os seres periféricos vêm subvertendo esse papel de população estigmatizada ao adotarem, artisticamente, símbolos⁴ popularmente ligados ao seu grupo, em termos de vestuário, sendo o grafite, o *jeans* e o chinelo. Tais símbolos caracterizam a estética periférica que une as experiências gravadas na memória da periferia com os fatores individuais dos artistas provindos desse espaço em uma produção artística.

Nesse cenário, a fotografia surge para essa comunidade como um mecanismo de documentação e expressão da arte produzida pelos membros da sociedade periférica. Além de levar adiante sua memória e cultura, retrata a identidade de um povo comumente percebido sob estereótipos de indolência e periculosidade (Sarmiento, 2022). Outrossim, a produção fotográfica não é um ato neutro ou objetivo. As vivências e as subjetividades do artista-fotógrafo permeiam suas escolhas estéticas, seus enquadramentos e suas narrativas visuais, moldando seu olhar e a interpretação da realidade retratada.

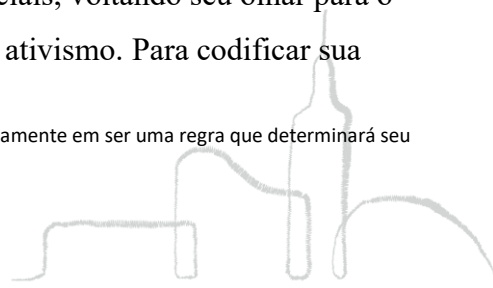
Portanto, a fotografia se configura como uma ferramenta utilizada para a construção e a disseminação de narrativas sobre a periferia, como forma de preservar sua memória cultural e reafirmar sua identidade. Ao mesmo tempo em que a moda traz, por meio da representação corpórea, uma reflexão crítica sobre o lugar de fala e as vivências da comunidade periférica.

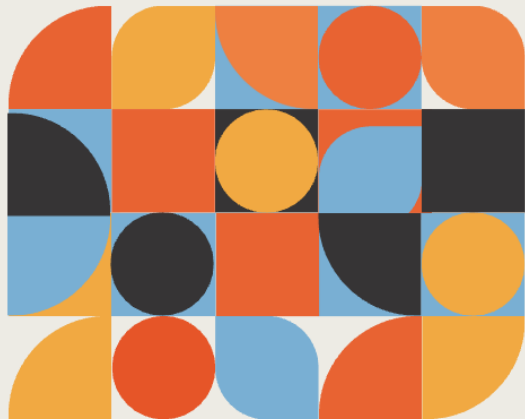
Análise: O artista na Fotografia

Jefferson Willian, o Payaso, profissional do audiovisual cearense, teve seu primeiro contato com a área aos 13 anos, em um projeto social chamado Crescer com Arte no Centro Social Urbano (CSU) Bela Vista⁵, onde imergiu na cultura do hip-hop e fomentou debates internos sobre pautas sociais, voltando seu olhar para o território. Ao passar dos anos, foi trilhando seu caminho por intermédio do ativismo. Para codificar sua

⁴ O termo é definido pela semiótica como sendo um “*Representâmen* cujo caráter representativo consiste exatamente em ser uma regra que determinará seu Interpretante” (Peirce, 2000, p. 71).

⁵ Atual Centro de Interação Social (CITE) após ser revitalizada pela Fundação Toledo.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

identidade, Jefferson possui um nome artístico denominado “O Payaso”⁶ que, oriundo do idioma espanhol, faz referência direta com a figura de palhaço.

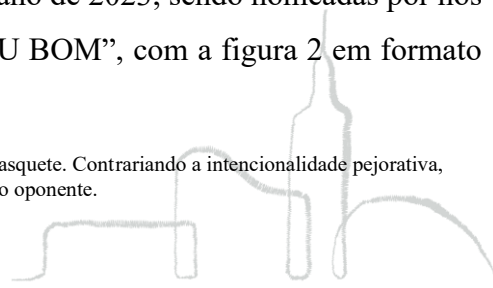
Por objetivo pessoal, o artista, almeja trazer a pauta da periferia para mais próximo, a fim de ter uma troca entre artista e apreciador da arte, maturando a abordagem sobre essa comunidade, os preconceitos e dores que acerbam. Nesse sentido, Soccol (2016) define que a fotografia documental é um gênero que envolve a vida das pessoas e engaja o fotógrafo nas incertezas da vida cotidiana, onde nem sempre os temas podem ser planejados. A partir disso, compreende-se que esse gênero está intrínseco ao olhar fotográfico do profissional.

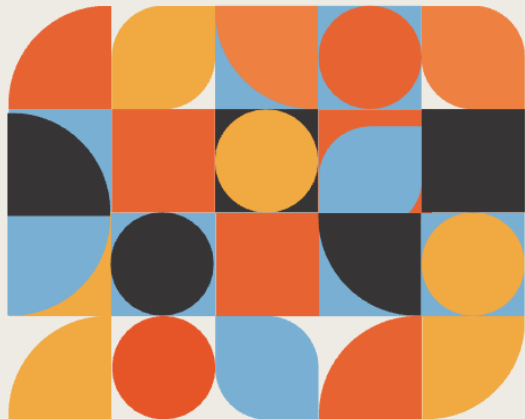
Para abordar a arte na comunidade, a moda, para além da vestimenta, oferece uma permanente negociação de novos estilos e nichos de consumo, como: gestualidade e forma do corpo, tom de voz, discurso, escolhas em campos adjacentes de lazer, comida, automóveis etc. (Villaça, 2007). Com recorte na estética de moda na periferia, por intermédio de Santos (2023), relaciona-se que a criação e popularização dela é pautada na imagética corporal do sujeito pertencente a essa comunidade. Desse modo, nota-se que a moda nesse cenário assume caráter social e é um meio de promoção e potencialização dessa cultura. Como também conceituado por Santos (2023), a periferia experimenta artisticamente outros modos de produção, explorando e demonstrando a diversidade de elementos que existem na comunidade, afirmando seu potencial e autenticidade.

Portanto, para Payaso, a escolha do cotidiano vem da necessidade de fotografar algo comum, de modo que as pessoas percebam a sua fotografia, para além da técnica, tornando o objeto fotografado o ponto central de sua produção, nesse cenário ele “abre mão” da técnica e passa a dar mais contraste aos elementos da imagem, a fim de não ser uma fotografia fina. Em busca de apropriar-se dos estereótipos e preconceitos, cause desconforto e gere debates no espectador. Tal estratégia se qualifica no pensamento de Sarmento (2022), onde defende que diferentes estéticas são ofertadas no mercado e sua publicidade constrói uma experiência para o espectador, a expressão dessa estética é tida como uma mercadoria, enquanto a vestimenta assume papel de “embalagem”. Para sua inserção representativa no mercado, torna-se necessário a promoção do modo mais cativo.

No presente estudo, foram selecionadas três fotografias datadas do ano de 2023, sendo nomeadas por nós como, figura 1: “Cotidiano e vivências” e figura 2: Colagem “SÓ MININU BOM”, com a figura 2 em formato

⁶ O apelido do artista, para além de sua história pessoal, surge de uma injúria proferida durante uma partida de basquete. Contrariando a intencionalidade pejorativa, Payaso ressignificou o insulto, incorporando-o como elemento de subversão da pressão psicológica exercida pelo oponente.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

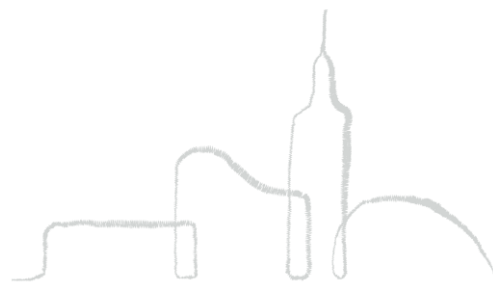
de colagem que une duas imagens do artista, as quais nos auxiliam na compreensão de como essas vivências pessoais se mostram em seus trabalhos, tal como na estética periférica a ser difundida. O critério de seleção se deu, por fotografias que permitissem a análise do ser individual e coletivo dentro do ambiente periférico, a fim de perceber a moda como fenômeno social de identificação, corporeidade e comunicação. Tal como, a relação das vivências pessoais do artista Payaso com a sua fotografia.

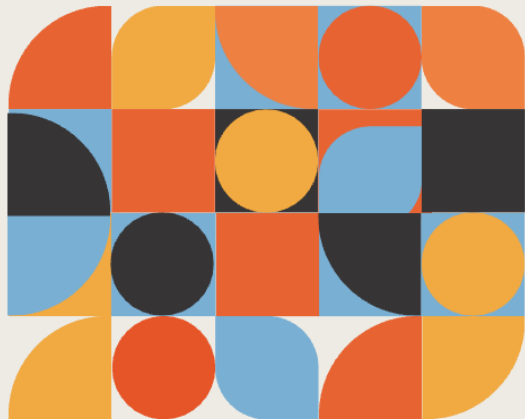
Na figura 1 é retratado um aspecto da vida corriqueira de forma descontraída e genuína. Um momento não encenado que exhibe rostos de atenção e admiração para com a habilidade do jovem de empinar o pneu frontal de seu veículo. Nesse sentido, podemos interligar a produção cultural dessa comunidade, na qual em uma prática do cotidiano, o menino da bicicleta gera um senso de identificação e enaltecimento daquele cenário, percebido nos rostos das pessoas em cima do caminhão que estampam olhares atentos e sorrisos largos. Villaça (2011) caracteriza que a moda na periferia ocorre de maneira performática ao campo geográfico e simbólico, posicionando em “cena agônica” o domínio de grupos e as relações plurais da periferia. Ou seja, a moda nesse cenário advém a partir da relação com o meio, não sendo apenas um aspecto individual de expressão, mas também uma maneira de permanência e perpetuação de ideais coletivos, sendo utilizada como um meio de resistência cultural.

Figura 1: Cotidiano e vivências



Fonte: Payaso, acervo pessoal, 2023.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

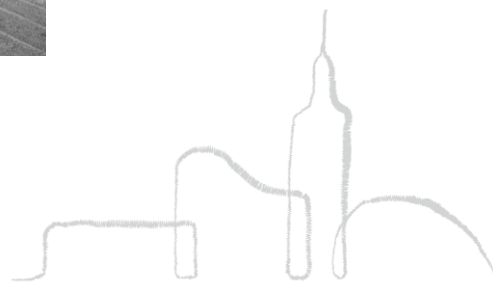
A estética da periferia, como conceituada por Santos (2023) é desenvolvida a partir da expressão do seu cotidiano, de modo que passa a criar e desenvolver uma identidade autêntica que se traduz através da imagem corporal dos indivíduos ali presentes. Portanto, a propagação imagética da cultura periférica, por indivíduos pertencentes a esse grupo, como o artista Payaso, é uma forma de armazenar a memória desse povo que advém de uma contextualização histórica de repressão.

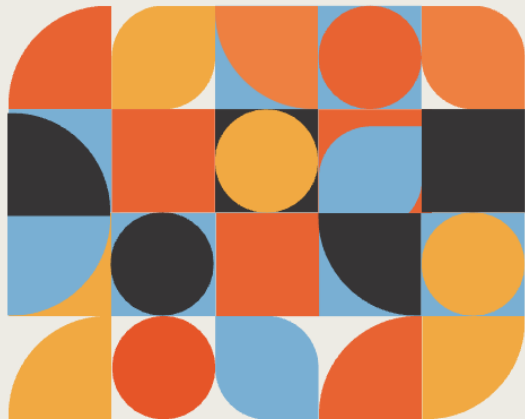
Na próxima figura a ser analisada, a imagem se torna contrastante ao unir elementos visuais clássicos e eurocentristas com a arte de rua. Situada na Praça dos Leões, como é popularmente conhecida em Fortaleza, com origem no século XIX, sua arquitetura é marcada pela estética neoclássica portuguesa que remota à arte clássica grega e romana, com princípios de simplicidade, equilíbrio, ordem e razão. Na modernidade, pelo registro da foto é possível ver que entre as balaustradas, a parede é marcada por grafite. Sendo essa uma expressão característica do movimento do *hip-hop* brasileiro que juntamente com o rap auxiliou na promoção e potencialização desse movimento em território nacional (Soares, 2018). A autora também conota que o grafite para essas comunidades subalternas vem como uma “manifestação artística de protesto, demarcação do território e poder” (Soares P.18. 2018). Portanto, essa expressão visual se dá também como uma maneira de afirmação da identidade dessa comunidade e aproximação com a memória coletiva desse ambiente, conforme a figura 2:

Figura 2: Colagem “Só mininu bom”



Fonte: Payaso, acervo pessoal, 2023.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

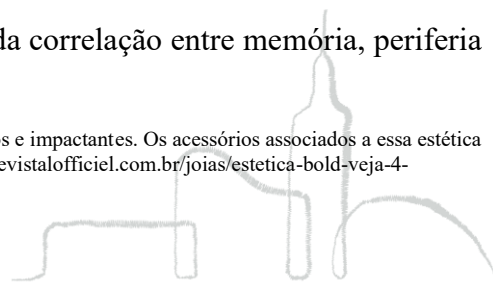
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

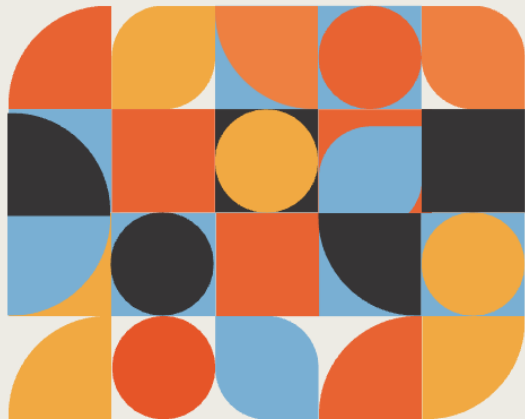
Partindo da análise de suas vestimentas, que, por sua vez, condizem com o estilo *streetwear* (de blusa com modelagem larga, short tadel, chinelo Kenner e jeans), em conjunto a seus pelos faciais (bigode fino e cavanhaque ralo), acessórios *bold*⁷ e seu penteado, contribuem para a representação visual e afirmação da identidade do ser retratado na imagem, ao mesmo passo que retrata a classe social ao qual pertence. O estilo *streetwear*, como conceituado por Neves (2019), é uma consequência da manifestação artística *Hip-hop*, essa moda de rua é característica da cultura marginal. Obtendo a prática da customização como parte desse circuito, a fim de se diferenciar, essas modificações no vestuário ocorriam com intervenções do grafite em peças de jeans. O autor também defende que o *streetwear* expande suas noções para além do vestuário e apresenta uma moda pautada na representatividade, diversidade e inclusão daqueles que comumente não são colocados em evidência na mídia, rompendo padrões e paradigmas. Nota-se que o estilo de rua ou *streetwear* traduz a necessidade de se mostrar “diferente” a partir dos elementos que se tem acesso, não é à toa que as modelagens características desse estilo sejam básicas, cotidianas e confortáveis, sendo referida às peças acima. Outro viés de análise é a frase “SÓ MININO BOM” estampada na camiseta do rapaz em primeiro plano, que adiciona uma camada de complexidade à imagem ao possuir fonte que faz referência aos elementos do grafite, servindo como um potencial de autoafirmação.

Considerações Finais

Com base no que foi apresentado, compreende-se que a fotografia é porta-voz dos ideais presentes na comunidade periférica. Neste estudo, é possível concluir como as vivências do artista Payaso interferem em suas produções imagéticas e assim interligar com as questões de moda, comunicação e estética, que nos mostram que a moda, para essa comunidade vem como um fator de diferenciação e um ambiente oportuno de representatividade e inclusão, podendo atribuir propósito, como o movimento artístico do *hip-hop* e a moda de rua, de modo que os indivíduos ali presentes sintam-se pertencentes a algum lugar e instigados a contribuir com esse cenário. Tais noções, transparecem nas obras do artista Payaso que discorreremos acerca da correlação entre memória, periferia

⁷ A estética bold tem por característica um visual disruptivo e inusitado, na presença de elementos fortes, pesados e impactantes. Os acessórios associados a essa estética transmitem personalidade e informação de moda. Informações obtidas da revista online L'officiel: <https://www.revistalofficiel.com.br/joias/estetica-bold-veja-4-maneyras-de-aplicar-essa-tendencia-de-joias>. Acesso em: 26/06/2025





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

e fotografia, em segmento da análise da imagem nomeada “cotidiano e vivências” e da colagem “SÓ MININU BOM”.

Os resultados obtidos fazem parte do entendimento que a fotografia documental, para além do senso informativo, também auxilia na perpetuação dos saberes, ofícios e lembranças de um povo. E a perpetuação dessa cultura através dessa ferramenta, auxilia na manutenção da memória e história da comunidade marginal, dado que, o que é visto é lembrado, a documentação desses corpos, cenários e de sua cultura é uma maneira de resistência daqueles que por muito tempo sofreram e sofrem com o silenciamento e desvalorização de sua identidade e cultura.

Referências

ENNE, Ana Lucia Silva. **Memória e identidade social**. Contracampo: revista do programa de pós-graduação em comunicação, Niterói, v.6, p. 7-20, jul. 2002. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/53573075284415840946775448271246894263.pdf>. Acesso em: 3 mai. 2025.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

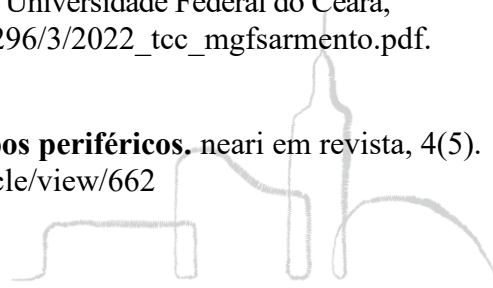
NEVES, Luiz Henrique Sisto das. **MODA STREETWEAR** -: identificação de propósitos através da comunicação entre marcas e consumidores. 2019. 142 f. Monografia- Curso de Comunicação Social Com Habilitação em Publicidade e Propaganda, Universidade de Caxias do Sul., Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/5592/TCC%20Luiz%20Henrique%20Sisto%20das%20Neves.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jun. 2025.

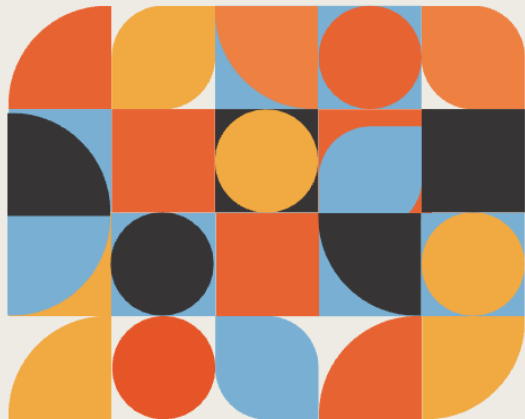
POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

SANTOS, Everton Oliveira dos. **A periferia adora inventar moda**: contribuições do design de moda-vestuário na periferia soteropolitana. 2023. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/39166/1/A%20periferia%20adora%20inventar%20moda.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2025.

SARMENTO, Maria Gabriela Ferreira. **Uma análise da estética da periferia de Fortaleza-CE, pelo viés da moda, do estigma e do marketing**. 2022. 58 f. TCC (Graduação em Design-Moda) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/64296/3/2022_tcc_mgfsarmento.pdf. Acesso em: 21 abr. 2025.

SOARES, M. N. (2018). **Hip hop como formador de identidade de grupos periféricos**. neari em revista, 4(5). Recuperado de <https://revistas.faculdaadedamas.edu.br/index.php/neari/article/view/662>





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

SOCCOL, Taís. **Análise das Fotografias Documentais de Sebastião Salgado.** 2016. 73 f. Monografia (Especialização) - Curso de Publicidade e Propaganda, Faculdade de Artes e Comunicação, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2016. Disponível em: <http://repositorio.upf.br/bitstream/riupf/946/1/PF2016Tais%20Soccol.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2025.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VILLAÇA, Nízia. **A expansão das marcas e o DNA periférico.** dObras[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 58–65, 2007. DOI: 10.26563/dobras.v1i1.403. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/403>. Acesso em: 30 abr. 2025.

